Cartilha

Mulher e Educação Profissional: sim, elas podem!

INSTITUTO FEDERAL DE EDUCAÇÃO, CIÊNCIA E TECNOLOGIA DA PARAÍBA
CAMPUS JOÃO PESSOA
PROGRAMA DE
PÓS-GRADUAÇÃO EM EDUCAÇÃO PROFISSIONAL E TECNOLÓGICA

AUTORES

Niedja de Freitas Pereira - mestranda
Degmar F. dos Anjos - orientador

Imagens
Canva

1ª Edição

João Pessoa - 2020

APRESENTAÇÃO

Olá
Professor(a)!

Esta cartilha reúne informações sobre a temática da desigualdade de gênero no âmbito da educação profissional, surge enquanto produto educacional elaborado a partir da pesquisa intitulada: “Convidadas a sair?” Sentidos e desafios da participação feminina na educação profissional, do Programa de Pós-graduação Stricto Sensu, Mestrado Profissional em Educação Profissional e Tecnológica (ProfEPT), do Instituto Federal da Paraíba (IFPB). O estudo buscou investigar o modo como se dá as relações de gênero no contexto de cursos de formação profissional, culturalmente associados ao perfil masculino. A cartilha representa uma oportunidade de melhor compreender os aspectos relevantes na trajetória da formação profissional dessas mulheres, bem como perceber de que modo questões relacionadas ao gênero estão presentes nas instituições de ensino profissional. Nosso objetivo é servir de instrumento para auxiliar na condução de propostas de abordagem do tema em sala de aula, bem como subsidiar a reflexão sobre o papel da escola enquanto ambiente propício à construção de uma sociedade mais inclusiva, justa e aberta ao diálogo.

Os autores.

SUMÁRIO

INTRODUÇÃO 4

DISCUTINDO GÊNERO 5

CONSTRUÇÃO DO PAPEL SOCIAL DA MULHER 7

MULHER E MUNDO DO TRABALHO 9

CONTEXTO EDUCACIONAL 11

CONSIDERAÇÕES SOBRE A EDUCAÇÃO PROFISSIONAL 12

O QUE DIZEM AS DISCENTES? 15

PARA PENSAR... 20

SUGESTÕES PARA ABORDAGEM DO TEMA 21

SAIBA MAIS 26

REFERÊNCIAS 27

INTRODUÇÃO

Discutir questões relacionadas à desigualdade de gênero, em um momento histórico de acirramento político e de questionamentos no campo dos direitos sociais, representa uma oportunidade de fortalecer as conquistas até então alcançadas, bem como promover o debate no ambiente escolar sobre a importância de se repensar os discursos e atitudes que reforçam, ao tempo em que negam, as desigualdades entre homens e mulheres.

Importante frisar que, mesmo diante de um cenário de desigualdades fundamentadas no gênero, não há como negar que a presença feminina, nos mais variados âmbitos da vida social, é uma realidade. Quer seja na política, economia, mundo do trabalho, na educação ou nas mais diversas áreas de atuação, não há espaços onde elas não tenham conseguido chegar e provado sua capacidade. Entretanto, mesmo diante de tantos avanços na jornada de inclusão das mulheres no contexto econômico-social e mais especificamente no mundo do trabalho, os resquícios de um passado de submissão ainda deixam marcas e influenciam na concepção do papel social da mulher na sociedade atual. Esse contexto resulta em um quadro de desigualdades, por vezes naturalizado, que estabelece obstáculos à concretização de direitos e o exercício pleno da cidadania.

Desse modo, esta cartilha busca contribuir para o debate a cerca das desigualdades entre homens e mulheres, a partir do contexto da educação profissional, tendo como foco a trajetória de formação profissional feminina em áreas majoritariamente ocupadas por homens.

DISCUTINDO GÊNERO

Para iniciar o nosso percurso se faz importante destacar alguns aspectos relevantes para compreensão das questões relacionadas à desigualdade de gênero.

Mas o que é o gênero?

O gênero apresenta-se enquanto categoria de análise utilizada para **melhor compreender a construção do masculino e feminino, ressaltando o caráter cultural que, para além das questões meramente físicas ou biológicas, fundamenta as relações entre os sexos. Desse modo, representa uma possibilidade de compreensão das diferenças entre homens e mulheres, para além da questão de ordem meramente natural, possibilitando que outros aspectos sejam considerados na tentativa de melhor compreender como a desigualdade entre os sexos se constrói e perpetua no seio social.**

"Seu uso [gênero] rejeita explicitamente explicações biológicas, como aquelas que encontram um denominador comum, para diversas formas de subordinação feminina, nos fatos de que as mulheres têm a capacidade para dar à luz e de que os homens têm uma força muscular superior. Em vez disso, o termo "gênero" torna-se uma forma de indicar "construções culturais" - a criação inteiramente social de ideias sobre os papéis adequados aos homens e às mulheres. Trata-se de uma forma de se referir às origens exclusivamente sociais das identidades subjetivas de homens e de mulheres. 'Gênero' é, segundo esta definição, uma categoria social imposta sobre um corpo sexuado" (SCOTT, 1995, p. 75).

Qual a importância do uso do gênero enquanto categoria de análise histórica e social?

Embora as diferenças relacionadas ao sexo, enquanto circunstâncias de ordem física e biológica sejam geralmente utilizadas como fatores determinantes para o estabelecimento de diferenciações entre homens e mulheres, estas, por si só, não são capazes de justificar eficazmente o estabelecimento de desigualdades de caráter social. Tais circunstâncias apenas reforçam e justificam um contexto social e cultural já existente. Desse modo, o gênero não nega a condição biológica, porém, busca trazer para o debate sobre desigualdade entre homens e mulheres questões de ordem social, uma vez que são através destas que tais desigualdades se constroem e perpetuam.

"Uma compreensão mais ampla de gênero exige que pensemos não somente que os sujeitos se fazem homem e mulher num processo continuado, dinâmico (portanto não dado e acabado no momento do nascimento, mas sim construído através de práticas sociais masculinizantes e feminizantes, em consonância com as diversas concepções de cada sociedade); como também nos leva a pensar que gênero é mais do que uma identidade aprendida, é uma categoria imersa nas instituições sociais (o que implica admitir que a justiça, a escola, a igreja, etc. são "generificadas", ou seja, expressam as relações sociais de gênero). Em todas essas afirmações está presente, sem dúvida, a ideia de formação, socialização ou educação dos sujeitos" (LOURO, 1995, p. 103).

Você sabia?

A igualdade de gênero corresponde ao objetivo número 5, entre os 17 Objetivos de Desenvolvimento Sustentável (ODS), traçados pela Organização das Nações Unidas (ONU). O referido objetivo destina-se a alcançar a igualdade de gênero e empoderar todas as mulheres e meninas. Os objetivos traçados têm como meta para cumprimento, por parte dos 193 países membros, o ano 2030.

CONSTRUÇÃO DO PAPEL SOCIAL DA MULHER

O que se entende por papel social?

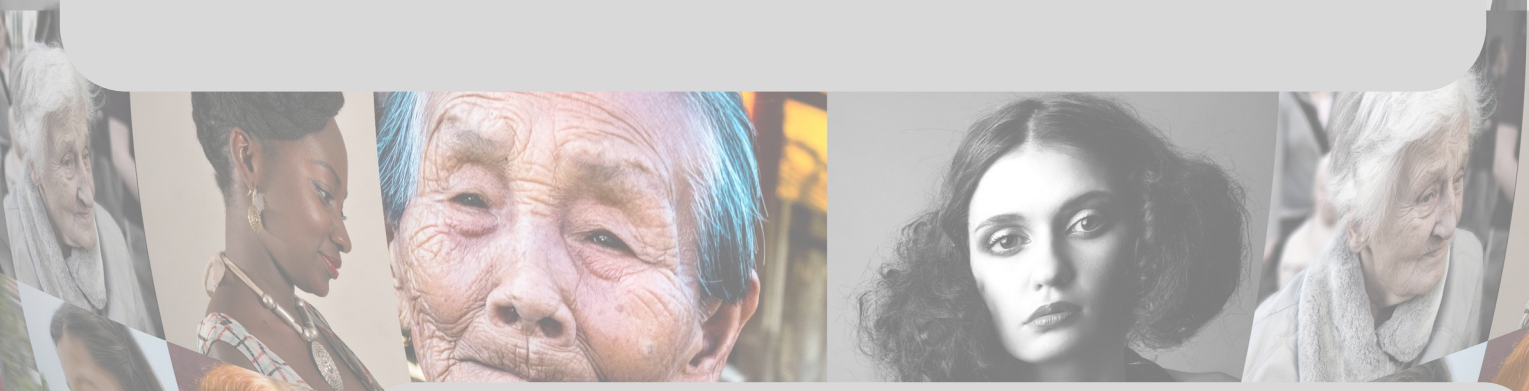
Os papéis destinados aos homens e às mulheres são construções sociais fundamentadas no modo como a sociedade concebe esses sujeitos, utilizando-se de fatores físicos, mas que, para além destes, alia-se a fatores sociais, culturais, políticos, econômicos e de poder.

"A identidade social da mulher, assim como a do homem, é construída através da atribuição de distintos papeis que a sociedade espera ver cumpridos pelas diferentes categorias de sexo. A sociedade delimita, com bastante precisão, os campos em que pode operar mulher, da mesma forma como escolhe os terrenos em que pode atuar o homem" (SAFFIOTI, 1987, p. 08).

"Ninguém nasce mulher: torna-se mulher. Nenhum destino biológico, psíquico, econômico define a forma que a fêmea humana assume no seio da sociedade; é o conjunto da civilização que elabora esse produto intermediário entre o macho e o castrado que qualificam de feminino" (BEAUVOIR, 1967, p. 9).

Como explicar o processo de construção das desigualdades entre homens e mulheres?

A condição de subordinação feminina construída e naturalizada na sociedade enquanto uma relação de poder exercida em diferentes contextos, entre eles a família, a escola e o trabalho. Segundo Foucault (1999), o poder revela-se como uma relação complexa, que se mantem pela imposição de comportamentos padronizados, imposição esta nem sempre mantida por meio da força física, mas pela normatização de verdades destinadas à sustentação de um determinado contexto. Desse modo, a padronização de determinados comportamentos produz a sua incorporação na sociedade, passando a ser assimilados e repetidos enquanto padrões sociais. Assim, ao estabelecer culturalmente aquilo que considera como intrínseco aos sujeitos homem e mulher, a sociedade passa a definir os papéis sociais de ambos, estabelecendo também uma relação de dependência e, de certa forma, uma hierarquia entre eles.



Como a desigualdade de gênero se manifesta em nossa sociedade?

Na ***sociedade atual as desigualdades de gênero são evidenciadas pela não disponibilização de oportunidades iguais para homens e mulheres, esse contexto acaba por gerar resultados sociais distintos entre eles. É importante frisar, ainda, que esse quadro de desigualdade por vezes é mascarado pelos interesses e processos presentes no contexto social que envolvem os sujeitos, ao ponto de tornar tal quadro invisível.***

MULHER E MUNDO DO TRABALHO

A ascensão do capitalismo, e por consequência a expansão da necessidade de mão de obra, impulsionou a inclusão feminina no mercado de trabalho. No entanto, tal inclusão foi entendida, a princípio, como circunstancial e passageira, de modo a atender as necessidades imediatas do mercado, como no caso do período entre guerras, em que o contingente de trabalhadores do sexo masculino sofreu uma forte baixa. Desse modo, a sociedade continuava a entender que as principais ocupações femininas relacionavam-se a reprodução e o cuidado com o lar.

Como as desigualdades entre homens e mulheres se manifestam no mundo do trabalho?

Segnini (1998) assevera que cuidar da família, da casa e dos filhos são atividades culturalmente consideradas pela sociedade como atribuições femininas, sendo uma espécie de valor ou padrão a ser seguido. Tal conduta acaba por estabelecer desigualdades estruturais na relação entre homens e mulheres no contexto do mundo do trabalho. A jornada que compreende as atividades **relacionadas à criação dos filhos e ao cuidado com o lar, bem como o estereótipo de sensibilidade e fragilidade atribuído à figura da mulher são utilizados para justificar situações como a prevalência da ocupação pelas mulheres em regimes de trabalho parcial, a destinação das mulheres às tarefas com menor potencial de capital intensivo, bem como a destinação de tarefas qualificadas especificamente como femininas.**

De modo geral, a divisão sexual do trabalho evidencia a assimetria nas relações entre homens e mulheres, produzindo, inclusive, diferenciações entre os valores pagos pelo trabalho realizado por ambos.

Mas o que significa divisão sexual do trabalho?

"A divisão sexual do trabalho é a forma de divisão do trabalho social decorrente das relações sociais entre os sexos; mais do que isso, é um fator prioritário para a sobrevivência da relação social entre os sexos. Essa forma é modulada histórica e socialmente. Tem como características a designação prioritária dos homens à esfera produtiva e das mulheres à esfera reprodutiva e, simultaneamente, a apropriação pelos homens das funções com maior valor social adicionado (políticos, religiosos, militares etc.)" (HIRATA; KERGOAT, 2007, p. 599).

Segundo dados do Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística – IBGE (2019), as mulheres representam **51,7%** *da população brasileira e são responsáveis pela chefia de* **28,5%** *dos lares. De acordo com dados da Pesquisa Nacional por Amostra de Domicílio Contínua (PNAD – Contínua) primeiro trimestre de 2019, no que tange ao índice de ocupação de postos de trabalho, as mulheres representam* **44,9%** *do total de brasileiros em tais condições e possuem rendimento médio real de R$1.991 (um mil novecentos e noventa e um reais), enquanto os homens apresentam rendimento médio real de 2.519 (dois mil quinhentos e dezenove reais).*

"[...] apesar da existência de legislação garantindo igualdade no tratamento para ambos os sexos, a segmentação dos postos de trabalho exprime desigualdades nas relações de gênero e constrói "guetos" femininos de trabalho. Estas práticas foram compreendidas como sendo tecidas no contexto social mais amplo e apreendidas pelas empresas no processo de organização do trabalho objetivando ora a minimização dos custos e ora a intensificação da produtividade" (SEGNINI, 1998, p. 150).

PENSANDO O CONTEXTO EDUCACIONAL

A educação, para além de ser um direito público subjetivo que deve ser assegurado a todo cidadão brasileiro é, sem dúvida, instrumento de transformação de realidades sociais. Desse modo, apresenta-se como terreno propício para o debate de ideias e desconstrução de comportamentos, falas ou atitudes excludentes.

Quando o ambiente escolar reproduz e naturaliza, sem a devida reflexão, os comportamentos construídos a partir de uma concepção de que existem qualificações profissionais destinadas às mulheres, está contribuindo decisivamente para a perpetuação do modelo de divisão sexual do trabalho.

Segundo Freire (2002), é necessário reconhecer o ser humano como sujeito histórico e social, moldado a partir de suas vivências e leitura de mundo, este não pode ser considerado um ser passivo, cabendo ao docente e à escola o reconhecimento de tal premissa. Assim, não há espaço para uma educação descomprometida com a transformação social ou conformista diante da realidade de desigualdade.

A partir da educação, as mudanças que esperamos na sociedade podem ser efetivamente concretizadas. Para tanto, torna-se preciso repensar as práticas educacionais no sentido de fortalecer valores que assegurem a igualdade de oportunidades e o respeito às diferenças.

CONSIDERAÇÕES SOBRE A EDUCAÇÃO PROFISSIONAL

A educação profissional enquanto política pública destinada a promover a efetivação de dois direitos fundamentais, consagrados pela Constituição Federal do Brasil: o direito à educação e o direito ao trabalho, visa à inserção do indivíduo no mundo do trabalho através da formação técnica. Tal modalidade de ensino, embora direcionada à preparação do discente para o exercício de uma profissão técnica, deve ser compreendida enquanto propiciadora da formação integral desses indivíduos.

Formação Integral

A formação integral se dá a partir da superação da dicotomia histórica entre pensar e executar. Nessa perspectiva, Saviani (2007) considera como indispensável, no processo de formação dos trabalhadores, a postura voltada para compreensão da indissociável relação existente entre o trabalho intelectual e o trabalho material, ou seja, da necessária preparação para o mundo do trabalho vinculada a uma sólida formação humana, cultural e intelectual, ou seja, a formação omnilateral.

"Portanto, formar profissionalmente não é preparar exclusivamente para o exercício do trabalho, mas é proporcionar a compreensão das dinâmicas sócio-produtivas das sociedades modernas, com as suas conquistas e os seus revezes, e também habilitar as pessoas para o exercício autônomo e crítico de profissões, sem nunca se esgotar a elas" (RAMOS, 2009, p. 147)

Mulheres na Educação Profissional

De acordo com os números apresentados pela Plataforma Nilo Peçanha, ambiente virtual de coleta, disseminação e validação das estatísticas oficias da Rede Federal de Educação Profissional, Científica e Tecnológica (SETEC/MEC), ano referência 2018, as mulheres representavam **46,6%** *do número de discentes matriculados nos cursos técnicos de nível médio nos Institutos Federais, no âmbito do IFPB, elas representavam* **45,6%** *do total de matrículas no mesmo período e modalidade de ensino.*

Ao considerarmos os cursos de eixos tecnológicos como controle e processos industriais, gestão de negócios, infraestrutura e produção industrial, áreas culturalmente associadas à figura masculina, a participação feminina tende a diminuir. Nesse cenário, considerando o total de matriculas efetuadas nos Institutos Federais, a participação feminina é de **42,3%**, *resultado equivalente ao verificado no âmbito do* **IFPB 42,2%.**

Nos eixos tecnológicos de ambiente e saúde, desenvolvimento educacional e social, produção cultural e design, turismo e hospitalidade e lazer, os números sofrem uma inversão, em dimensão nacional o percentual é 65,4% de mulheres, enquanto no IFPB 56,1%.

A partir dos números apresentados é possível observar que a percepção culturalmente aceita de que determinadas profissões são destinadas aos homens e outras às mulheres tem influência no perfil de ingresso nos cursos técnicos.

No campus João Pessoa – IFPB, no período de 2018 a 2019, foram matriculados, nos cursos técnicos subsequentes ao ensino médio do no **eixo tecnológico de controle e processos industriais, 382** *(trezentos e oitenta e dois) discentes, destes,* **apenas 50** *(cinquenta) eram discentes do sexo feminino, o que equivale a* **13,08%.**

Entre os cursos do referido eixo tecnológico o **curso técnico em mecânica** *é o que apresenta o menor número de mulheres matriculadas. No período mencionado,* **apenas 08 (oito), das 120 (cento e vinte)** *vagas ocupadas no mencionado curso, foram preenchidas por discentes do sexo feminino. Ou seja, as mulheres ocupam apenas* **6,67%** *das vagas.*

Ainda considerando o período mencionado (2018 a 2019) **das 08 (oito)** *discentes matriculadas,* **07 (sete)** *desistiram do curso. Ao questionarmos os discentes dessas turmas sobre a importância de abordar o tema desigualdade entre homens e mulheres nos* **cursos de educação profissional, 69,6% dos discentes consideram tal iniciativa como necessária.**

Entender como se dá o processo de construção das desigualdades entre homens e mulheres, bem como as questões relacionadas à formação das discentes do sexo feminino, no contexto de cursos de formação profissional culturalmente associados ao perfil masculino, representa uma oportunidade de contribuir positivamente para a trajetória profissional dessas mulheres. A iniciativa também contribui para promoção de espaços educacionais comprometidos com a construção de uma sociedade menos desigual.

O QUE DIZEM AS DISCENTES?

Uma forma de melhor compreender os desafios enfrentados pelas discentes do sexo feminino, no âmbito de cursos de formação profissional majoritariamente ocupados por homens, é dar voz a essas mulheres. A seguir apresentaremos algumas falas de discentes que vivenciam esse contexto.

As falas apresentam relatos e opiniões relacionadas ao percurso de formação dessas mulheres, os desafios da inserção no mundo do trabalho, seus anseios e expectativas.

Os trechos aqui apresentados fazem parte da pesquisa que originou este trabalho e teve como objetivo identificar os sentidos e desafios da participação feminina na educação profissional. Destacamos que foi mantido o anonimato das entrevistadas, para tanto, o nome das mesmas foi substituído pela letra "E", seguida do sequencial numérico para cada participante.

Vamos ouvir o que elas têm a dizer?

“Você pode ter o currículo que for, qualificado, tirar nota boa, mas na hora do ‘vamo ver’ na empresa, principalmente quando boa parte da gerência são homens, a preferência é por homens” **(E3).**

“Nos estágios em manutenção, ligados à manutenção, é muito complicado eles [empregadores] contratarem meninas, contratam muito mais o sexo masculino, porque a gente não pode entrar no setor que tem muito homem, que a gente vai estar com macacão enorme, cheia de graxa e existe muito esse preconceito, eles colocam a gente no setor de produção” **(E2).**

“Numa turma onde a maioria dos professores e colegas são homens as meninas sempre tem uma questãozinha assim, de não ser tão valorizadas no ambiente masculino” **(E5).**

“... se você tiver uma companhia, uma sala ou instituição que te dê apoio, com certeza pode ajudar bastante” **(E1).**

"O que acontece é que as mulheres que ingressam nessas áreas às vezes sofrem preconceito por parte dos professores, colegas e da sociedade. Você tá no curso que, se você não tem apoio, não consegue se identificar e acaba saindo" **(E3).**

"Já falaram que eu deveria continuar sendo professora..." **(E2).**

"Eu acabei de me formar então me desanima muito saber que além da situação problemática do país, socioeconômica e política eu ainda vou ter que enfrentar um problema a mais, que seria a discriminação por ser mulher, isso não deveria existir, é como se a sociedade tivesse dizendo que sou incapaz por conta do meu gênero" **(E4).**

"Na antiga empresa que trabalhava existia uma vaga para a função de coordenador, porém, em conversa comigo, disseram que a vaga seria mais apropriada para homem. Eu me senti um pouco desvalorizada..." **(E1).**

"O fato de ser mulher dificulta um pouco, na hora de uma entrevista a pessoa já olha e trata diferente, a experiência nem importa, às vezes, diante do que o entrevistador vai querer. Muitos preferem empregar homens, considerando a possibilidade de gravidez. Isso é chato e desanimador... Durante uma entrevista de emprego o entrevistador me assediou, eu acho que é uma coisa que não aconteceria com homem" **(E4).**

"É como se você não pudesse mostrar sensibilidade. Sensibilidade só fica em casa, lá fora é outra história como se fosse uma espécie de proteção, eu preciso me proteger, qualquer coisa muitas vezes, até uma risadinha, é motivo de cautela, aí fica difícil. A gente já vive com pressão de estudar, de ter um trabalho produtivo e ainda pensar como se comportar, como não ser você mesmo, é muito complicado, muito difícil" **(E2).**

"As mulheres podem desempenhar o papel que elas quiserem em qualquer área" **(E5).**

"Mostrar para as meninas que não tem diferença, não existe trabalho de homem e mulher, você não pode diferenciar uma pessoa... não é uma questão física, não tem que diferenciar o ser humano por ser homem ou mulher" **(E3).**

“Acredito que é na escola, no início, que a gente tem que tratar esse tipo de preconceito e desconstruir uma coisa que eu acho que também é histórica, essa coisa da mulher ser dependente do homem” **(E2).**

“Eu acho que a escola não está muito interessada em abordar esse assunto. Algumas pessoas tentam discutir trazer à tona falar o quanto é importante, mas muita gente acha que não existe isso, mas quem é mulher sabe. Acho que a escola tem muito a melhorar em relação a isso. As escolas precisam mostrar as possibilidades” **(E4).**

“Tem muita mulher bem mais qualificada que muito homem, é só uma questão de barreira, às vezes até preconceito dela mesmo que ela nem consegue perceber” **(E3).**

“Eu sou o que eu quero, o que eu escolhi ser, independente de ser mulher ou não. Eu tenho muito orgulho de ser mulher e conseguir levar, na sociedade em que a gente vive hoje, todas essas partes, trabalhar, estudar e ser uma profissional competente” **(E2).**

Para pensar...

O reconhecimento das dificuldades e desigualdades enfrentadas pelas mulheres, principalmente no exercício de determinadas profissões, aliada a consciência da capacidade de superá-las, representa um passo importante no caminho rumo à superação do modelo social que prega a limitação de possibilidades à figura feminina.

Ao destacarem em suas falas que o papel a ser desempenhado pelas mulheres, tanto na esfera profissional como nas demais áreas de atuação, está relacionado ao seu poder de escolha e autodeterminação, as participantes evidenciam a não aceitação de padrões sociais e culturais impostos, tão pouco de discursos que atribuam aos fatores físicos ou biológicos a capacidade de determinar seus destinos e escolhas.

A partir das falas apresentadas, é possível refletir sobre alguns cenários que a princípio podem nos parecer comuns ou naturalmente explicáveis. No contexto da formação profissional feminina, uma série de fatores de ordem cultural e social acabam interferindo decisivamente nas escolhas, bem como na trajetória educacional e profissional dessas mulheres. Nem sempre a explicação para a não procura por determinados cursos, ou o abandono destes, é necessariamente apenas uma escolha.

Nesse contexto, a educação representa um importante instrumento para a superação de padrões sociais que dificultam o exercício pleno da cidadania. Embora a sociedade ocidental moderna estabeleça uma série de direitos destinados à garantia de igualdade entre os sexos, mulheres e homens nem sempre exercem tais direitos da mesma forma, não estando sujeitos ás mesmas condições para exercício de destes, nem limitados pelas mesmas barreiras culturais.

SUGESTÕES PARA ABORDAGEM DO TEMA

A concepção de que a escola exerce um papel importante nas questões que se manifestam na sociedade evidencia que este ambiente não pode ser compreendido como um mero espaço para aquisição de conteúdo e técnicas a serem executados no mundo do trabalho. Desse modo, se faz importante que o espaço educacional esteja sensível às questões que permeiam a especificidade da formação profissional das mulheres, principalmente no âmbito de cursos historicamente considerados como destinados aos homens.

A seguir, apresentaremos algumas propostas que podem auxiliar na abordagem da temática da desigualdade de gênero no âmbito da educação profissional. As sugestões podem ser adequadas ao contexto e aos meios disponíveis para sua execução. O principal objetivo é promover o debate sobre as situações de desigualdade de gênero presentes na escola, na família e no mundo do trabalho, estimulando a reflexão sobre tais questões e, assim, contribuindo para construção de um pensamento crítico diante das questões relacionadas à problemática.

As propostas buscam utilizar metodologias ativas que permitam a explanação **do assunto com os discentes, estimulando o protagonismo dos mesmos.**

Questões para Reflexão

- ***A construção social do gênero;***
- ***Determinação dos papéis sociais e a hierarquia entre os sexos;***
- ***A desigualdade entre homens e mulheres no contexto social e no mundo do trabalho;***
- ***O papel da cultura na incorporação das desigualdades;***
- ***O uso das diferenças físicas ou biológicas como critérios justificadores das desigualdades;***
- ***Diferenças justificam desigualdades?***

Objetivos:

- **Refletir sobre a construção social do gênero;**
- **Perceber de que modo as desigualdades entre homens e mulheres se manisfestam na sociedade;**
- **Compreender de que modo as desigualdades entre homens e mulheres afetam direitos e impedem a construção de uma sociedade mais justa.**
- **Despertar a necessidade de pensar de que modo é possível colaborar para a construção de uma sociedade com menos desigualdade entre homens e mulheres.**

Método Aquário

Como fazer?

Primeiro passo:

Apresentar o tema a ser trabalhado, uma presentação rápida que inclua a justificativa , bem como os objetivos da atividade proposta.

Segundo passo:

Reprodução do Curta Metragem: Acorda, Raimundo...Acorda! **Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=snLsvVfF9X8&t=1118s>**

Terceiro passo:

- ***Com o uso das cadeiras organize um círculo de no mínimo 4 integrantes que deverão permanecer sentados no centro da sala;***
- ***Os demais integrantes devem permanecer sentados, organizando as cadeiras em formato de circulo em volta dos participantes que estão ao centro;***
- ***O(a) professor(a) deve atuar enquanto mediador dos debates, propondo questões a partir do que foi apresentado em sua fala inicial e retratado no filme apresentado;***
- ***Apenas os participantes que estão no centro têm poder de fala, os demais devem permanecer em silêncio;***
- ***Para que um participante do circulo externo possa participar das discussões alguém do círculo interior precisa levantar, deixando um espaço vago para que o colega contribua com o debate.***
- ***A intenção é que todos possam participar e trazer contribuições para as questões postas.***
- ***A medida que algumas questões vão sendo superadas o(a) professor(a) pode apresentar novas inquietações.***

Ao final, o(a) professor(a) deve apresentar suas considerações de modo a contribuir para a desconstrução de possíveis posicionamentos preconceituosos, colaborando com o processo reflexivo.

Apresentação interativa (Mentimeter)

Como fazer?

- **Criar a apresentação através do endereço: https://www.mentimeter.com/. O primeiro acesso necessita de cadastro. A ferramenta é intuitiva e permite criar apresentações personalizadas que promovem a interação com o público por meio dos celulares.**
- **Selecione a alternativa em que o apresentador controlará o avanço das questões;**
- **Como sugestão, as seguintes questões podem ser colocadas para que os participantes possam interagir:**
    - **Na sociedade atual, ainda persistem situações de desigualdade entre homens e mulheres?**
    - **Você acha que existe desigualdade entre homens e mulheres no mundo do trabalho?**
    - **Você considera que existem profissões mais apropriadas para homens e outras para as mulheres?**
    - **Você acha que as oportunidades de trabalho são iguais para homens e mulheres?**
    - **O principal fator justificador das desigualdades entre homens e mulheres são questões físicas biológicas?**
- **Após criada a apresentação, a ferramenta disponibilizará o código para que os participantes possam acessar as questões.**

Primeiro passo:

Apresentar o tema a ser trabalhado, uma presentação rápida que inclua a justificativa, bem como os objetivos da atividade proposta. Disponibilize o endereço da apresentação criada e o código, para que os participantes acessem através dos celulares . Eles devem ser convidados a responder as questões apresentadas. Os resultados devem ser apresentados ao término de cada questão.

Segundo passo:

Ao fim dos questionamentos a temática da desigualdade deve ser apresentada pelo(a) professor(a) a partir dos resultados apontados e das questões levantadas durante a apresentação, de modo a propiciar a reflexão sobre o tema. As questões apontadas neste material, vídeos, músicas ou imagens são algumas sugestões para esse momento.

Terceiro passo:

Como momento de conclusão, sugerimos o debate entre os participantes enquanto momento avaliativo tendo como referencial os resultados obtidos inicialmente pelo uso da ferramenta mentimeter e a explanação da temática realizada pelo(a) professor(a).

Gallery Walk

Como fazer?

Primeiro passo:

Apresentar o tema a ser trabalhado, incluindo a justificativa, bem como os objetivos da atividade proposta. É preciso apresentar questões importantes como:

- **A construção social do gênero;**
- **A desigualdade entre homens e mulheres no contexto social e no mundo do trabalho;**
- **O papel da cultura na incorporação das desigualdades;**
- **O uso das diferenças físicas ou biológicas como critérios justificadores das desigualdades.**

Segundo passo:

- **Após a explanação do tema, dividir a turma em 4 grupos (o número de grupos deve coincidir com o número de integrantes), cada grupo receberá 1 cartolina e pincéis. Os grupos serão numerados de 1 a 4.**
- **Cada grupo deverá retratar, através de imagens, palavras, poemas e etc, situações que representem as questões relacionadas as desigualdades entre homens e mulheres no contexto da família, escola, trabalho e da sociedade. Cada grupo ficará responsável por uma dessas esferas.**
- **Os integrantes de cada grupo serão numerados de 1 a 4.**

Terceiro passo:

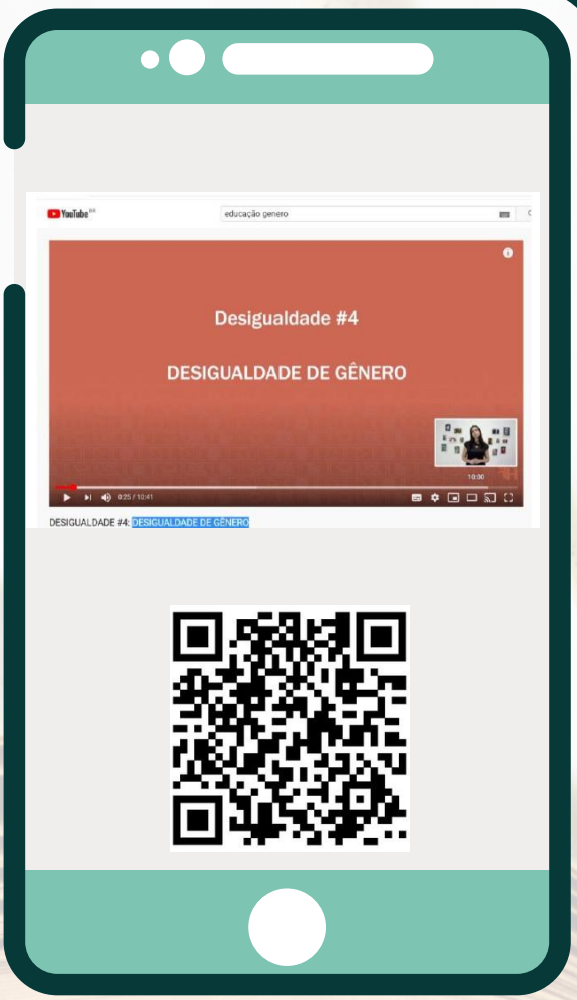
- ***Após a conclusão dos cartazes, cada integrante deve dirigir-se ao grupo equivalente ao seu número (ex. todos os integrantes com o número 1 devem dirigir-se ao grupo 1, 2 ao grupo 2 ...). Com a nova formação, cabe ao integrante que participou da elaboração do cartaz explicar a ideia aos demais. Após esse primeiro momento, ao sinal do(a) professor(a), todos os integrantes, em sentido horário, visitarão o próximo cartaz, mais uma vez o integrante que participou de sua elaboração apresentará o trabalho aos demais. A intenção é que cada integrante tenha a oportunidade de apresentar o trabalho que ajudou a construir.***

Quarto passo:

Ao final as questões apresentadas podem ser pontuadas pelo(a) professor(a) trazendo uma reflexão sobre as situações apontadas e a necessidade de pensarmos como podemos colaborar para a construção de uma sociedade mais justa.

SAIBA MAIS...

Aponte a câmera do seu celular e assista a alguns vídeos disponíveis no YouTube que podem auxiliar na melhor compreensão sobre o tema da desigualdade de gênero!



Fonte: Hidra Educacional- Desigualdade de Gênero
https://www.youtube.com/watch?v=hWE9MMieewQ

Fonte: GÊNERO: O QUE É (E O QUE NÃO É) | Thaís Lima
hhttps://www.youtube.com/watch?v=x_WkMLkdl6M

Avalie esta cartilha e contribua com seu aprimoramento!

REFERÊNCIAS

BEAUVOIR, Simone. O segundo sexo: a experiência vivida. 2. ed. São Paulo: Difusão Européia do Livro, 1967.

BRASIL. Ministério da Educação. Plataforma Nilo Peçanha (Ano base 2018) 2019. Disponível em: https://www.plataformanilopecanha.org/. Acesso em: 15 nov. 2018.

FOUCAULT, Michel. Vigiar e punir: nascimento da prisão. Tradução de Raquel Ramalhete. 20. ed. Petrópolis: Vozes, 1999.

FREIRE, Paulo. Pedagogia da Autonomia: saberes necessários à prática educativa.
25. ed. São Paulo: Paz e Terra (Coleção Leitura), 2002.

HITATA, Helena; KERGOAT, Danièle. Novas configurações da divisão sexual do trabalho. Cadernos de Pesquisa. São Paulo, v 37,
n. 132, p. 595-609, set/dez. 2007. Tradução Fátima Murad. Disponível em: http://scielo.br/pdf/cp/v37n132/a0537132. Acesso em: 20 jul. 2019.

IBGE. Pesquisa nacional por amostra de domicílios: PNAD Contínua. 1º trimestre de 2019. Disponível em: https://agenciadenoticias.ibge.gov.br/media/com_mediaibge/arquivos/8ff41004968ad36306430c82eece3173.pdf. Acesso em: 20 jul. 2019.

LOURO, Guacira Lopes. Gênero, História e Educação: construção e desconstrução. Educação e Realidade, Porto Alegre, v. 20, n.2, p. 101-132, 1995. Disponível em: https://www.seer.ufrgs.br/educacaoerealidade/article/view/71722/40669. Acesso em: 10 jan. 2019.

NAÇÕES UNIDAS NO BRASIL - ONU BR. 17 Objetivos para transformar o mundo. Disponível: https://nacoesunidas.org/pos2015/agenda2030/. Acessado em: 10 jun. 2019.

RAMOS, Marise Nogueira. Concepção do Ensino Médio Integrado. In: ARAÚJO, Ronaldo; TEODORO, Elinilze. (Org.). Ensino Médio Integrado no Pará como Política Pública. Belém: SEDUC-PA, 2009, p. 144-182. Disponível em: http://ambientedetestes2.tempsite.ws/ciencia-para-educacao/publicacao/ramos-m-n-concepcao-do-ensino-medio-integrado-in-araujo-ronaldo-teodoro-elinilze-org-ensino-medio-integrado-no-para-como-politica-publica-belem-seduc-pa-2009-v-p-144-182/. Acesso em: 05 nov. 2018.

SAFFIOTI, Heleieth. O poder do macho. São Paulo: Moderna LTDA, 1987.

SAVIANI, Dermeval. Trabalho e educação: fundamentos ontológicos e históricos. Revista Brasileira de Educação, Campinas, v. 12, n. 34, jan./abr. 2007. Disponível em: http://www.scielo.br/pdf/rbedu/v12n34/a12v1234.pdf . Acesso em: 05 nov. 2018.

SEGNINI, Liliana Rolfsen Petrilli. Relações de gênero no trabalho informatizado bancário. Cadernos Pagu, Campinas, n. 2, p. 147 – 168. 1998. Disponível em: https://periodicos.sbu.unicamp.br/ojs/index.php/cadpagu/article/view/4098384. Acesso em: 10 nov. 2018.

SCOTT, Joan. Gênero: uma categoria útil de análise histórica. Educação e Realidade, Porto Alegre, n. 2, p. 71-99, jul./dez. 1995.